

#FALADIREITO

CAMPANHA DE COMUNICAÇÃO E
CIDADANIA DO DESEMBOLA NA IDEIA

DESAFIO nº 1:

#DESARME OLHAR! SEU



GUIA DE ORIENTAÇÕES PARA
AÇÕES MULTIPLICADORAS

OLHARI

SE

SARN

OLHARI

SE

#FALADIREITO

CAMPANHA DE COMUNICAÇÃO E
CIDADANIA DO DESEMBOLA NA IDEIA

DESAFIO Nº 1:
DESARME SEU OLHAR

GUIA DE ORIENTAÇÕES
PARA **AÇÕES MULTIPLICADORAS**

BELO HORIZONTE
2019

Caras(os) educadoras(es),

Este guia foi produzido com muito apreço para você que luta diariamente pelos direitos infantis e juvenis. Com o objetivo de fortalecer essa luta, o conteúdo traz algumas orientações sobre ações multiplicadoras que podem ser desenvolvidas de maneira prática e simples em comunidades, escolas ou no trabalho com adolescentes e jovens em situação de risco social. Ele integra o kit da campanha #faladireito, que também traz cartões postais, cartazes, *bottons*, boletim impresso e vídeos.

#faladireito é uma campanha permanente do projeto Desembola na Ideia, criada a partir de atividades de educomunicação promovidas junto a adolescentes no Núcleo das Juventudes, localizado no PlugMinas.

O Desembola na Ideia é um projeto que combina atenção psicossocial e arte na promoção de direitos, inserção nos espaços de sociabilidade, acompanhamento psicanalítico e intervenções artístico-culturais na cidade para adolescentes que sofrem com a marginalização e a exclusão social. Dentro do Programa de Educomunicação, os adolescentes participam de oficinas em que escolhem temáticas relacionadas à cidadania, experimentam e se apropriam de linguagens e de recursos da comunicação para falar de tais temáticas e elaboram e colocam em circulação variadas peças de comunicação que promovem os direitos juvenis.

O projeto é realizado pela Associação Imagem Comunitária (AIC), com recursos destinados pela 20ª Vara do Trabalho de Belo Horizonte, no bojo de ação civil pública proposta pelo MPT, e apoio da 23ª Promotoria de Justiça de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente de Belo Horizonte – Área Infracional, assim como do PlugMinas – Centro de Formação e Experimentação Digital da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais.

O PROGRAMA DE EDUCOMUNICAÇÃO E A CONCEPÇÃO DA CAMPANHA

As atividades de educomunicação do Desembola na Ideia são alicerçadas na metodologia **mídia-processo**. A base de tal metodologia são desafios criativos, lançados aos participantes em encontros formativos e rodas de conversa. Os adolescentes são instigados a produzir conteúdos comunicativos e, ao longo dos processos de criação de tais conteúdos, eles dialogam, refletem e constroem conhecimentos acerca de temas relacionados à sua cidadania. Além disso, eles também têm a oportunidade de ampliar seu repertório, ao conhecer outras campanhas e experiências inspiradoras.

O nome **#faladireito** surgiu a partir de dois pontos que emergiram em todas as rodas de conversa com os adolescentes. De um lado, era recorrente a menção à necessidade de falar sobre direitos, de expressar que o jovem em situação de risco e/ou em conflito com a lei é cidadão, é sujeito de direitos. De outro, foi unânime a indicação de que seria preciso tratar desses direitos numa linguagem criada por e acessível aos adolescentes. Da junção dessas duas propostas, consideradas pelos participantes como a essência do trabalho a ser desenvolvido, surgiu o nome #faladireito.

Nosso anseio é potencializar o trabalho das instituições atuantes no Sistema de Garantia dos Direitos, bem como de organizações, grupos e movimentos da sociedade civil que promovem causas que envolvem adolescentes e jovens na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), sobretudo aqueles ligados ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA), ao Conselho Estadual da Criança e do Adolescente (CEDCA) e ao Fórum das Juventudes da Grande BH.

Esperamos que por meio da ação de agentes multiplicadores a #faladireito ganhe vida nas comunidades, nos espaços públicos, nas organizações que atuam no campo da cidadania e nas instituições educativas.

SUMÁRIO

- p. 6** O PRIMEIRO DESAFIO:
#DESARMESEUOLHAR

PRECISAMOS FALAR SOBRE...

- p. 8** Falta de oportunidades de expressão
p. 11 Racismo
p. 21 Exclusão social
p. 30 Imagens preconceituosas
p. 36 Criminalização da população infanto-juvenil
das periferias
p. 12 Naturalização da violência

O PRIMEIRO DESAFIO:

#DESARMESEUOLHAR

Os adolescentes elegeram o preconceito como primeiro tema de trabalho da campanha **#faladireito**. Racismo, discriminação por serem pobres, pelos lugares onde moram e circulam e a rejeição social porque estiveram ou estão em conflito com a lei marcam esses sujeitos cotidianamente. Ao discutirem o assunto, perceberam que as situações de exclusão social e de ameaça à vida às quais estão expostos mantêm relação com o preconceito.

Esses garotos e garotas são considerados “ameaças à sociedade”. Todos os dias, ações e políticas de segurança pública, de um lado, e a grande mídia, de outro, projetam na sociedade conteúdos e discursos distorcidos a respeito desses adolescentes e jovens contribuindo para a construção da imagem de um “inimigo público”. Esse raciocínio reforça uma condição que a filósofa Judith Butler conceituou como *vidas precárias*.¹ Tratam-se de existências cercadas de contingências a ponto de não serem qualificadas como vidas e, por consequência, indignas de cidadania, de direitos, até mesmo do luto. Por essa razão, são impedidas de acessarem oportunidades e serviços essenciais ao seu desenvolvimento, como a escola, espaços de convivência e lazer, vida cultural e oportunidades de trabalho. A violência contra essas vidas é ordinária e naturalizada, elas estão sentenciadas ao extermínio.²

A realidade que resulta disso é alarmante. Amplamente sinalizado por órgãos nacionais e internacionais, assistimos a um genocídio das juventudes negras, pobres e periféricas no Brasil. Segundo

1 BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

2 Para uma leitura mais aprofundada, ver LIMA, Rafaela Pereira. Da vida matável à vida que importa: em busca da comoção frente ao genocídio da juventude negra. Jornada de Comunicação Pública, 2., 27-29 ago. 2018, Porto Alegre. **Anais [...]**, Porto Alegre: UFRGS, 2018.

o UNICEF,³ o Brasil é o primeiro país do mundo em número absoluto de assassinatos de adolescentes e a taxa de homicídios entre adolescentes negros é cerca de quatro vezes maior do que a registrada entre os brancos.

Já o *Atlas da Violência*, publicado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), nos mostra que o número de homicídios de pessoas com idade entre 15 e 29 anos, no Brasil, tem um caráter de verdadeira pandemia. Mais de 318 mil jovens foram assassinados no país entre 2005 e 2015.⁴ Já em 2016, foram 33.590 jovens assassinados, sendo 72% deles pretos ou pardos. Ou seja: 24.185 jovens negros foram vítimas de assassinato em nosso país naquele ano – cerca de um a cada 23 minutos. Outro número preocupante é o de vítimas da ação letal da polícia: 76,2% de tais vítimas são negras.⁵ Esses dados mostram que essas juventudes, na contramão da imagem de um “inimigo público”, são muito mais acometidas do que causa da violência homicida.

Assim foi definido o primeiro desafio que a #faladireito lança ao público: uma reflexão sobre como o preconceito limita o exercício dos direitos e da cidadania desses adolescentes, agravando as vulnerabilidades; ao mesmo tempo a campanha convida as pessoas a se despirem de imagens, ideias e julgamentos pré-concebidos e a construir novos olhares mais justos e que atribuam valor à vida desses sujeitos.

Que tal colar com a gente? Se você deseja contribuir e não sabe por onde começar, apresentamos a seguir atividades concretas e sugestões de metodologias para conduzir encontros, debates e ações mobilizadoras.

3 UNICEF – FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. Nossas prioridades: homicídios de adolescentes. 2018. Disponível em <<https://goo.gl/Ekq9fH>>. Acesso em: 3 ago. 2018.

4 IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da Violência 2017**. Brasília: IPEA/ Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2017.

5 IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da Violência 2018**. Brasília: IPEA/ Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2018.

>> Me veja fora do risco



PRECISAMOS
FALAR SOBRE

FALTA DE OPORTUNI- DADES DE EXPRESSÃO

Ser jovem é uma experiência muito variada: são diversos os modos de viver essa fase da vida.

Mas, nos meios de comunicação, de modo geral, os jovens moradores das periferias ou são invisíveis ou só aparecem nas reportagens policiais. Essas juventudes desejam e têm o direito de produzir e colocar outras imagens – positivas! – para circular junto à sociedade.

Precisamos falar da **falta de oportunidades de expressão**, enfrentar juntos essa violação dos direitos e valorizar a vida dos adolescentes e jovens pobres, negros e periféricos.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

A atividade a seguir será uma roda de conversa a respeito da falta de oportunidades de expressão das juventudes negras.

ESTRUTURA NECESSÁRIA

- Reprodutor de áudio e internet (um computador com caixa de som ou *smartphone*, por exemplo).
- Uma folha de Kraft para um mural.
- Pincéis e canetas variados.
- Material para recorte: revistas, jornais etc.
- Tesouras.

DESENVOLVIMENTO

Ouça com os participantes a música adiante, e em seguida proponha que compartilhem as impressões que tiveram durante a escuta.

O mundo é nosso

Artista: Djonga

Participação: BK'

Álbum: *Heresia*

Data de lançamento: 2017

Gênero: *hip-hop/rap*

Para ouvir, acesse:

<<https://www.ouvirmusica.com.br/djonga/o-mundo-e-nosso>>.



Djonga nasceu em Belo Horizonte, na Favela do Índio, e cresceu no bairro de São Lucas, na Zona Leste. Foi criado para ser uma pessoa comum, um trabalhador comum, embora tenha tido contato no seu bairro com situações que poderiam tê-lo levado para o mundo do crime. Apesar disso, ele diz que sempre se sentiu diferente de todo mundo. “Não nesse sentido clichê, de que ‘artista’ é um ‘ser diferente’. Não é isso. Diferente mesmo, de sonhar alto, independente[mente] do que eu fizesse. Se eu fosse [ser] um advogado, eu queria ser o melhor advogado. Se fosse pra eu ser bandido, eu queria ser o patrão.” Entrou no rap por meio de sarau de poesia e, junto com os MCs Hot Apocalypse, FBC, Clara Lima, Oreia e o produtor Coyote Beats, criou a DV Tribo, antes de se lançar na carreira solo com o *Heresia* e, agora, com *O menino que queria ser Deus*. “Acabei virando artista, e também quero ser o melhor artista”.

FONTE: DJONGA; MOURA, Beatriz. Djonga, o menino que queria ser Deus. **VICE**, 14 mar. 2018. Entrevista. Disponível em: <<https://goo.gl/HGSiiF>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

É o Homem na Estrada¹ de todo dia
 E sabe a resposta, o que é clara e salgada
 Os mais novo vive queimando largada
 Não sabe ler nem escrever e sabe o nome da delegada
 Sejamos Abraham Lincoln, Independência
 Com a pele de Barack Obama
 Sejamos Tupac Shakur, Afeni Shakur²
 Achemos a cura pra nossa insegurança
 Cada bala de fuzil é uma lágrima de Oxalá³
 Mas na rua né não, na mão dos cana né não
 Na cintura era um celular e eles confundem com um oitão

“O mundo é nosso” é uma composição do *rapper* belo-horizontino Djonga, com participação do também *rapper* BK. No trecho acima, são traçadas várias tensões em que o jovem negro é o alvo. Educação formal x passagem policial, desejo de independência x insegurança, inocência x acusação. Djonga é artista, e em várias

-
- 1 Emblemática canção dos Racionais MC's, “Homem na estrada” narra a história de um ex-presidiário que vê diminuídas suas chances de ter uma vida comum após a liberdade. A história já foi utilizada como defesa contra a aprovação da redução da maioria penal e, segundo o autor Luiz Alberto Mendes, aborda os métodos de investigação da polícia na década de 1970: “eles vão do criminoso ao crime, não do crime ao criminoso, como seria a lógica” (MENDES, Luiz Alberto. *Memórias de um sobrevivente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 275).
 - 2 **Tupac Shakur**, ou 2Pac, é considerado um dos maiores *rappers* da história. Ativista social, tornou-se um ícone na defesa da igualdade política, econômica, social e racial. Sua mãe, **Afeni Shakur**, também foi uma importante ativista política e membro da organização revolucionária Panteras Negras.
 - 3 Na Umbanda, orixá associado à criação do mundo e da espécie humana.

letras evidencia que sua posição, hoje, é uma exceção, devido às oportunidades tradicionalmente negadas ao jovem negro, incluso as de expressar-se.

Tente propor uma reflexão coletiva sobre as questões a seguir.

1. Como o jovem negro e periférico é retratado pelos grandes veículos de comunicação?
2. Você percebe isso mudando ao longo do tempo de maneira satisfatória?
3. Quantas pessoas com esse perfil estão na grande mídia produzindo narrativas mais justas?
4. Como você, agente, pode promover um diálogo com as juventudes que levante caminhos para a expressão dos jovens moradores das periferias?
5. De que formas as juventudes pobres podem ser produtoras nos meios de comunicação tradicionais (grandes canais de TV, rádio e impresso)?
6. Existem outras formas de espalhar conteúdo fora da mídia tradicional? Quais? E quais delas são gratuitas ou de baixo custo?

>>> Facilitar a comunicação é um gesto que contribui para a inclusão e a cidadania.

Façam o registro da conversa em um mural coletivo. Se possível, tentem fazer esse registro sem o uso de palavras (vocês podem utilizar desenhos, colagens, recortes etc.). Imaginem que o leitor desse mural pode não saber ler, e deverá compreender o que está ali exposto.

>> Seu olhar me marca





PRECISAMOS
FALAR SOBRE

RACISMO

Tratamento desigual e injusto ou violência contra pessoas negras. Essa desigualdade impõe barreiras de acesso a serviços essenciais e a direitos fundamentais, como saúde e educação.

Desde 1988, a **Constituição Federal** determina, no art. 3, inciso XLI, que constituem “objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”; e no art. 5º, inciso XLI, que “a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais”. Em 1989, a **Lei do Racismo** (n. 7.716) foi instituída, definindo os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. E, em 2012, foi sancionada a **Lei de Cotas** (n. 12.711), que define medidas de mitigação das desigualdades no acesso de negros e negras ao ensino técnico e superior federal.

Apesar de contarmos com algum resguardo legal, a aplicação da legislação ainda precisa avançar muito para a efetiva garantia desses direitos no cotidiano da população. O racismo ainda está muito arraigado na vida social brasileira.

Adolescentes negros e de baixa renda são a parcela da população com os maiores índices de pobreza, analfabetismo, evasão escolar e morte violenta.¹ Precisamos falar de **racismo**, enfrentar juntos essa violação dos direitos e valorizar a vida dos adolescentes e jovens pobres, negros e periféricos.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Assista à cena a seguir com os participantes da atividade. Ela pertence ao filme *Ó Paí Ó* e seu texto foi baseado em um monólogo da peça teatral *O mercador de Veneza*, de William Shakespeare.



Ó Paí Ó (direção: Monique Gardenberg, 2007)

Diálogo entre Boca e Roque: <<https://goo.gl/YtVQeL>>

1 UNICEF – FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. Nossas prioridades: homicídios de adolescentes. 2018. Disponível em <<https://goo.gl/Ekq9fH>>. Acesso em: 3 ago. 2018.

>>> Caro(a) agente, não deixe de exibir o vídeo aos participantes antes da discussão. As atuações e composição da cena são de extrema importância para que o texto tenha o impacto adequado.

Na cena, Boca (Wagner Moura) pede a Roque (Lázaro Ramos) que libere, antes do pagamento, os carrinhos que havia encomendado. Roque nega o pedido, dizendo que só fará a entrega após o pagamento – conforme combinado –, visto que Boca não havia sido empático com ele anteriormente (“eu já suportei demais o seu escárnio, suportar é a lei da minha raça”). Boca retruca: “você é escroto”. Roque revida: “eu só tô seguindo o seu exemplo”, e Boca argumenta: “seguindo o quê, rapá, você é negro”. Então segue-se um dos discursos mais contundentes do cinema brasileiro, feito por Roque:

Eu sou negro, eu sou negro sim. Mas por acaso negro não tem olhos, Boca? Ein? Negro não tem mão, não tem pau, não tem sentido, Boca, ein? Não come da mesma comida? Não sofre das mesmas doenças, Boca, ein? Não precisa dos mesmos remédios? Quando a gente sua, não sua o corpo tal qual um branco, Boca? Ein? Quando vocês dão porrada na gente, a gente não sangra igual, *mermão*? Ein? Quando vocês fazem graça, a gente não ri? Quando vocês dão um tiro na gente, p****, a gente não morre também? Pois se a gente é igual em tudo, também nisso vamos ser, c*****!

Roque se impõe contra o racismo de Boca através do **discurso**. Quando ele escancara para Boca que os dois merecem os mesmos direitos e concessões, é como se dissesse: “ponha-se no meu lugar”. Mas é importante ressaltar que o racismo no Brasil, via de regra, não se manifesta abertamente como nesta cena. A opressão pode se dar em **frases já corriqueiras em nossa linguagem**.

A atividade a seguir é um bingo em que sentenças cotidianas serão colocadas em jogo.

| <p>Eu não sou racista, até tenho um amigo/parente negro.</p> | <p>BINGO RACIAL</p> | <p>Pra mim, todo mundo é igual.</p> |
|--|---|--|
| <p>Meu avô/avó era negro(a).</p> | <p>Fulano é um negro bonito, né?</p> | <p>Eu fico com negros, mas não pode ser tão pretinho também, né...</p> |
| <p>Existe muito racismo contra brancos.</p> | <p>Você é negra, mas tem o cabelo bom, parabéns!</p> | <p>É feio falar “preto”, o correto é “escuro” ou “moreno”.</p> |
| <p>As cotas são uma forma de racismo do Estado.</p> | <p>Os pretos são os mais racistas.</p> | <p>Eu não sou racista, mas...</p> |
| <p>Associar negros a samba/carnaval/futebol</p> | <p>Todos temos sangue de negros.</p> | <p>O preconceito é social, não racial.</p> |
| <p>Também sofro preconceito por ser...</p> | <p>Essa luta de negros contra brancos causa mais divisão.</p> | <p>Tem muito vitimismo.</p> |
| <p>Negros escravizaram outros negros.</p> | <p>Você é que está sendo racista com você mesmo(a)</p> | <p>Somos todos apenas uma raça, a humana.</p> |
| <p>Sempre que fui assaltado o ladrão era negro. Logo...</p> | <p>Como você lava o cabelo? É difícil?.</p> | <p>Se quer ser diferente, volta pra África.</p> |

Eu não sou racista, até tenho um amigo/parente negro.

Meu avô/avó era negro(a).

Existe muito racismo contra brancos.

As cotas são uma forma de racismo do Estado.

Associar negros a samba/carnaval/futebol.

Também sofro preconceito por ser...

Negros escravizaram outros negros.

Sempre que fui assaltado o ladrão era negro. Logo...

Fulano é um negro bonito, né?

Você é negra, mas tem o cabelo bom, parabéns!

Os pretos são os mais racistas.

Todos temos sangue de negros.

Essa luta de negros contra brancos causa mais divisão.

Você é que está sendo racista com você mesmo(a).

Como você lava o cabelo? É difícil?

Pra mim, todo mundo é igual.

Eu fico com negros, mas não pode ser tão pretinho também, né...

É feio falar “preto”, o correto é “escuro” ou “moreno”.

Eu não sou racista, mas...

O preconceito é social, não racial.

Tem muito vitimismo.

Somos todos apenas uma raça, a humana.

Se quer ser diferente, volta pra África.

ESTRUTURA NECESSÁRIA

- Cópias da cartela de bingo anterior (tantas cópias quanto for o número de participantes).
- Uma cópia das perguntas da página anterior recortadas.
- Uma caneta ou lápis por participante.

DESENVOLVIMENTO

Distribua uma cartela a cada participante da atividade. Dobre as tiras com as perguntas e coloque-as em um saco. Em seguida, retire uma tira, abra e leia em voz alta. Se a frase já foi dita pelo participante durante sua trajetória de vida, ele deverá sinalizá-la com um “x” na cartela recebida.

RACISTA, EU?!

Terminadas as tiras e marcações, pontue com os participantes que todas as frases da cartela são racistas. Logo, fez o bingo quem, no fim da rodada, marcou *menos* “x”. Um **bingo inverso**.

Mas por que todas as frases são racistas? Porque abordam questões que não são condicionadas pela etnia, mas forçam essa relação. Exemplo:

João é negro.

João é bonito.

As duas sentenças não possuem correlação: João pode ser bonito e ser branco, ou pode ser negro e ser feio. Agora vejamos o conjunto:

João é um negro bonito.

Quando colocamos as duas informações como uma coisa só, damos a entender que João ser bonito, ainda que negro, é um evento, ou que, na categoria “negro”, João é bonito, mas não na categoria geral. Um bom exercício neste caso é pensar na frase contrária:

João é um branco bonito.

Soa estranho, não? Em geral, as pessoas não falam assim. Esse estranhamento que acontece na última frase e não acontece na anterior é parte do **racismo estrutural**. Em resumo, o racismo é decorrente de um longo processo histórico e político que “cria as condições necessárias para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática”.² Ou seja, frases como “João é um negro bonito” foram naturalizadas ao longo do tempo, enquanto “João é um branco bonito” não, pois historicamente negras e negros são estigmatizados como uma classe que foge ao padrão, ao que é visto como normal. Outro exemplo: uma vitrine apenas com manequins negros gerar surpresa, mas uma vitrine apenas com manequins brancos não. Ou um cabelo afro entrar na categoria “ruim” ou “difícil”, enquanto um liso ou ondulado é “bom”.

RACISMO REVERSO

Outra questão que poderá surgir a partir do jogo é a do racismo reverso. Por que estou sendo racista se afirmo que “todos somos iguais” ou que “existe muito racismo contra brancos”?

É importante problematizar essa frase – e um bom recurso para isso é trabalhar com textos de pesquisadoras e pesquisadores que têm estudado essa discussão. Michelli Oliveira e Nathália Costa, colaboradoras do Alma Preta, agência de jornalismo especializada

 2 ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Organização de Djamilia Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento, 2018. (Feminismos Plurais). p. 39.

na temática racial do Brasil, por exemplo, apontam que racismo e preconceito são conceitos distintos, embora interligados. E contam que, diferentemente do que usualmente pensamos, não é o preconceito que gera o racismo, mas é por meio do racismo que surgem diferentes tipos de preconceito.

As autoras afirmam, de forma sintética, que o racismo é uma **ideologia de dominação**³ construída com base na premissa falsa e hedionda de que as pessoas de etnia negra constituiriam uma raça inferior – premissa, esta, utilizada para justificar processos violentos de opressão e de negação cotidiana dos direitos de tais pessoas.

Oliveira e Costa lembram que às pessoas com cor de pele e fenótipo (conjunto de características físicas) associados à raça negra

[...] foram atribuídas diversas características negativas (gente amaldiçoada, suja, violenta, cabelo duro e ruim, etc.), sustentadas pelas elites sociais em todas as épocas da história da humanidade, que se inseriram e perpetuaram no imaginário social e são mantidas até os dias atuais.⁴

É importante assinalar, enfim, que o racismo vai muito além dessas formas de discriminação. Ele é um crime **histórico** de negação da humanidade de pessoas negras que matou e continua a matar milhares de negras e negros em todo o mundo.

Após a discussão, proponha, ainda, uma reflexão com os participantes, tentando abordar as seguintes questões:

3 MOURA, Clóvis. O racismo como arma ideológica de dominação. **Geledés**, 19 jan. 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2EUqMW4>>. Acesso em: 3 fev. 2019.

4 OLIVEIRA, Michelli; COSTA, Nathália. Por que você deve parar de afirmar que o racismo reverso existe? **Alma Preta**, 24 dez. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/e2S6eM>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

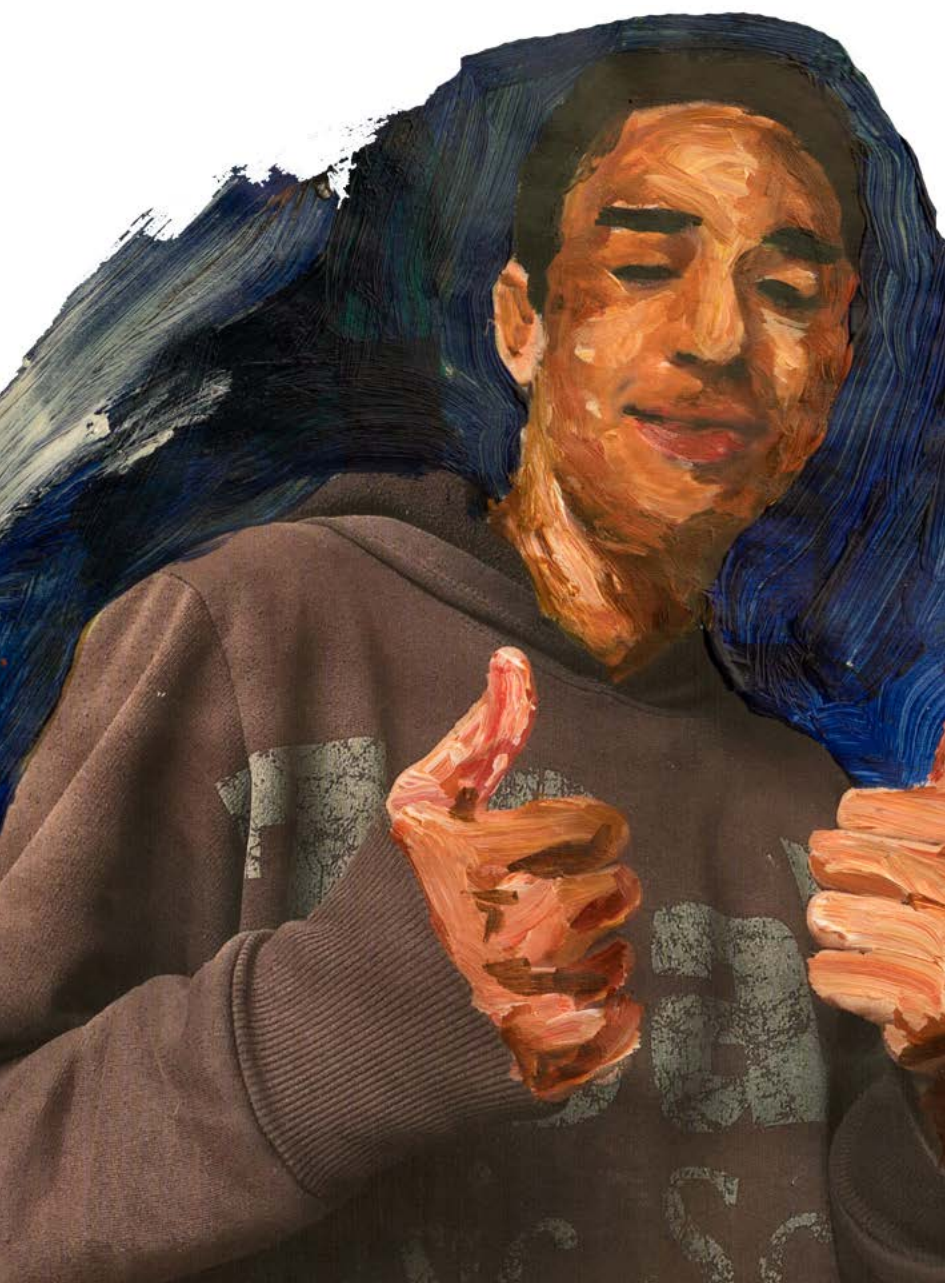
1. Quando uma atitude racista é camuflada ou sutil, é mais difícil ou mais fácil impor-se contra ela através do discurso?
2. O racismo estrutural impede que negros cheguem a posições sociais melhores, em um ciclo que se retroalimenta. De que outras formas negras e negros podem reivindicar seu espaço de direito em uma sociedade ainda racista? A cultura pode ser uma ferramenta de resistência negra? Como?

A *socialite* Val Marchiori foi condenada em 2018 pela 3ª Vara Cível do Fórum Regional da Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, a indenizar a cantora **Ludmilla** após comentar que seu cabelo “parecia um Bombril”. Na época, Val disse que iria recorrer da decisão, pois em sua visão o comentário não foi racista. O caso é um exemplo de como o racismo se sobrepõe à questão socioeconômica: por conta de um estigma reforçado há centenas de anos e que se estruturou na sociedade, mesmo pessoas negras ricas, famosas e influentes podem ser vítimas de racismo, pois essa discriminação está associada a seus atributos físicos relacionados à raça negra.

FONTE: UOL. Val Marchiori é condenada a indenizar Ludmilla após comentário racista. **UOL**, Rio de Janeiro, 6 jun. 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/cftvYr>>. Acesso em: 10 fev. 2019.




>> Chega perto pra me ver



PRECISAMOS
FALAR SOBRE

EXCLUSÃO SOCIAL

An abstract painting on the left side of the page, featuring thick, expressive brushstrokes in shades of blue and orange. The blue strokes are dominant, creating a sense of depth and movement, while the orange strokes are more concentrated in the lower-left corner, adding a warm contrast. The overall style is gestural and textured.

Direito a ter direitos. Essa é uma boa definição para a palavra cidadania. E ela nos indica que é preciso, antes de mais nada, reconhecer todas as pessoas como sujeitos de direitos, como quaisquer outras. Sabemos que isso não é realidade para a maioria dos adolescentes e jovens que vivem nas periferias. Essa injustiça precisa ser enfrentada.

O Brasil figura entre os países com maior índice de desigualdade no mundo inteiro. Para se ter ideia, o 1% mais rico da população concentra mais de 20% do total da riqueza do país, nível bem acima da média internacional, de acordo com estudo realizado em 2018 pelo IPEA.¹ Por outro lado, mais de 28 milhões de brasileiros vivem numa condição de pobreza² e 16 milhões em pobreza extrema.³

As juventudes periféricas e negras acabam tendo seu futuro marcado negativamente pelas consequências desta exclusão social. A começar pelo fato de crescerem num contexto no qual são privados, desde a infância, de direitos essenciais para o desenvolvimento enquanto cidadãos, como o direito à alimentação, à educação, à saúde, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, entre outros, que deveriam ser assegurados pela sociedade, conforme previsto no Estatuto da Criança e Adolescente. Consequentemente, outra implicação é a falta de oportunidades iguais para competir no âmbito da educação superior e do mercado de trabalho. Nesse sentido, é preciso um trabalho conjunto para a criação de políticas públicas e outras ações da sociedade em prol de tais juventudes com o intuito de reverter essa realidade.

Precisamos falar da **exclusão social**, enfrentar juntos essa violação dos direitos e valorizar a vida dos adolescentes e jovens pobres, negros e periféricos. Para sensibilização a respeito do tema, propomos como atividade a realização do Jogo do Privilégio.

1 IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas da Violência 2018**. Brasília: IPEA/ Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2018.

2 Medida definida pelo Ministério de Desenvolvimento Social para pessoas que vivem com renda de até 140 reais por mês.

3 Medida definida pelo mesmo órgão para o caso daqueles que vivem com apenas setenta reais por mês.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

O **Jogo do Privilégio** é uma dinâmica muito interessante para compreender os desafios enfrentados pelas juventudes, sobretudo por aquelas em situação de vulnerabilidade social e em conflito com a lei.

ESTRUTURA NECESSÁRIA

- Espaço amplo para posicionar os participantes de pé, lado a lado. Se for possível, a atividade pode ser realizada em uma escada ou ladeira para que o resultado fique ainda mais graficamente concreto.
- Lista de perguntas sobre privilégios, que pode ser adaptada de acordo com o público participante.

DESENVOLVIMENTO

Os participantes começam o jogo de pé, posicionados lado a lado, em linha reta. Cada um deve dar um passo para frente ou para trás, de acordo com as perguntas referentes a vantagens ou desvantagens sociais e com orientações dadas pelo facilitador da dinâmica. Ao final das perguntas, os participantes são convidados a observar as diferentes posições dos colegas e refletir sobre as desigualdades étnico-raciais, socioeconômicas e territoriais da sociedade. O Jogo do Privilégio ilustra de forma simples a necessidade de uma luta ampla por igualdade, em todas as esferas da sociedade, na medida em que evidencia que no percurso da vida as pessoas têm pontos de partida diferentes de acordo com seus privilégios. Você pode conferir um exemplo do Jogo do Privilégio acessando o link <<https://www.youtube.com/watch?v=AzFs8WQKdgc>>.

QUESTIONÁRIO

1. Se você já se sentiu envergonhado por causa das suas roupas ou casa, dê um passo para trás.
2. Se você pode/pôde escolher em que escola estudou/estuda, dê um passo para frente.
3. Se você pode comprar uma roupa nova ou sair para jantar quando quiser, dê um passo para frente.
4. Se você nunca foi parado ou revistado pela polícia, dê um passo para frente.
5. Se você já tentou mudar sua fala ou jeito para ganhar aceitação, dê um passo para trás.
6. Se você não pensaria duas vezes antes de ligar para a polícia quando se sente ameaçado ou em risco, dê um passo para frente.
7. Se você já sofreu *bullying* ou foi ridicularizado por causa de sua raça e/ou condição econômica, dê um passo para trás.
8. Se você pode cometer erros e não ter seu comportamento atribuído a falhas da sua raça, dê um passo para frente.
9. Se você sente que, na mídia, existem poucas ou nenhuma representação adequada do seu grupo racial, dê um passo para trás.
10. Se você pode ser atendido por um médico sempre que julgar necessário, dê um passo para frente.
11. Se você não domina alguma língua estrangeira, dê um passo para trás.
12. Se você tem certeza que seus pais ou outro parente próximo seriam capazes de lhe auxiliar financeiramente se você estivesse passando por dificuldades financeiras, dê um passo para frente.
13. Se você tinha acesso adequado a comidas saudáveis na sua infância e adolescência, dê um passo para frente.

11. Se você se sente nervoso quando vai passar pela segurança de um aeroporto ou por algum tipo de revista policial, dê um passo para trás.
15. Se você já teve um trabalho oferecido a você por causa de uma amizade ou membro da família, dê um passo para frente.
16. Se você é ou já foi dono de um carro ou tem um veículo disponível para seu uso, dê um passo para frente.
17. Se você alguma vez já foi a única pessoa com sua cor de pele em uma sala de aula ou ambiente de trabalho, dê um passo para trás.
18. Se você tem ou teve acesso ao ensino superior sem políticas afirmativas, dê um passo para frente.

PARA REFLEXÃO DO GRUPO

Quantos passos você daria à frente? Como se sente vendo pessoas que se esforçam muito menos à sua frente? E como você se sente vendo que existem pessoas que ficaram atrás de você?

>> Se veja em mim



PRECISAMOS
FALAR SOBRE

IMAGENS PRECONCEI- TUOSAS

É imprescindível desconstruir imagens preconceituosas, que circulam socialmente, relacionadas ao adolescente pobre, negro, morador das periferias. É preciso mostrar que essas imagens aprofundam as situações de exclusão enfrentadas por tais adolescentes, geram segregação social e aumentam as estatísticas de encarceramento e de morte de adolescentes e jovens.

Paralelamente, é necessário construir, enxergar e projetar desses jovens a imagem de uma pessoa que tem valor para a família, a comunidade e a sociedade.

Muitos adolescentes em situação de vulnerabilidade social e em conflito com a lei não têm a oportunidade de vivenciar isso, pois são sempre vistos pela ótica do preconceito. Sem tal oportunidade, são cada vez mais excluídos da experiência da cidadania. Vamos colocar em circulação novas imagens, que sensibilizem a população a se despir dos preconceitos, a dar valor e a promover as vidas de tais pessoas.

A questão da segurança pública, não precisa de policiamento de 24 horas pra dá sensação de segurança, de sentir que está seguro. De portas abertas, meninos brincando, isso traz uma sensação de segurança. Final de ano com lâmpadas, com árvores, música na rua... Isso traz sensação de segurança. Chega a ser interessante. Transmite a paz. Não combatemos a criminalidade, mas divulgamos mais a paz nesse espaço também.¹

O trecho anterior faz parte da narrativa de João Marcos sobre o Novo Aarão Reis, bairro periférico da região Nordeste de Belo Horizonte. João Marcos, bem como sua avó, mãe e irmãs, são moradores antigos do Novo Aarão, fundadores da primeira escola de ensino infantil e de outros projetos na comunidade. Algumas de suas memórias sobre o bairro estão registradas no livro *Histórias do Nordeste: rede de memória dos agentes culturais comunitários*.

Esses registros redesenham e ressignificam as noções que normalmente temos sobre as periferias e suas populações. Tratam-se de espaços vivos, com forte sentimento comunitário e de pertença. Os encontros e as trocas entre os moradores acontecem o tempo todo nas ruas, nas calçadas, no comércio. As periferias constituem

1 ANDRADE, Eduardo Barbosa de *et al.* (Org.). **Histórias do Nordeste: rede de memória dos agentes culturais comunitários**. Belo Horizonte: Associação Imagem Comunitária, 2018.

espaços de compartilhamento constantes e riquíssimos, têm identidades próprias que atravessam os territórios e constituem os sujeitos.

Um olhar mais próximo e honesto sobre as periferias é um bom ponto de partida para construir novas imagens sobre as juventudes que nelas vivem. Nesse sentido propomos como atividade a criação colaborativa de um **mapa afetivo**. Como afirma o produtor multimídia e professor Andre Deak, mapas “ajudam a entender o mundo ao redor, e a entender o nosso lugar nele. Também tornam visíveis pessoas, sentimentos, histórias que não estão nos mapas oficiais”.²

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

O território mapeado pode ser a *quebrada* de um dos (ou mais) participantes do grupo, a área de atuação ou onde o projeto está localizado, ou ainda as comunidades dos adolescentes e jovens atendidos. Pode ser um lugar específico, ou genérico, resultado da convergência de características e semelhanças entre espaços diversos. A ideia aqui é trazer à tona a periferia que o jornal não mostra, fruto das relações entre seus moradores, suas histórias e culturas. É importante também retratar as necessidades das populações em face das ausências de políticas e equipamentos públicos.

ESTRUTURA NECESSÁRIA

A superfície do mapa colaborativo deve ser grande (no mínimo 60 x 80 cm). Pode ser um corte de pano (por exemplo: algodão

2 DEAK, Andre. Cartografias colaborativas, mapas afetivos e uma década de Google Maps. **Huffpost**, 31 jan. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/xWR9Sa>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

cru) ou um pedaço de papel Kraft, papel-cartão etc. Já para a elaboração das imagens sobre o mapa, valem os mais diversos materiais: canetões e canetinhas coloridas, tinta (guache ou para tecido) de cores diversas, cola colorida, fotos, recortes de jornais e revistas, elementos do dia a dia (como folhas, flores, fitas, retalhos).

DESENVOLVIMENTO

- Inicie a atividade explicando a proposta ao grupo: que eles elaborem um mapa diferente, em que deverão traçar o contorno do território de sua comunidade e, dentro desse contorno, desenhar, colar, pintar, montar imagens que representem o que existe de mais importante nela, em suas percepções.
- Trata-se de um território vivo? Como crianças, adolescentes e jovens se comportam e ocupam os espaços nessa comunidade? Peça que tenham em mente que deverão incluir nos mapas grupos, instituições e empresas; os espaços de encontro, de lazer e trocas; os fazeres culturais e artísticos; dar indícios de como são os moradores e quem são as pessoas importantes para a história daquele lugar e suas iniciativas.
- Combine que todos deverão dar contribuições à montagem do mapa. Ao colocar a sua contribuição no mapa, cada participante deverá explicar seu significado e importância.
- Ao longo das contribuições, o mediador deve problematizar as percepções apresentadas, solicitando que os participantes pensem sobre o que realmente significa viver nesse território, as potencialidades e as faltas, e sobre os preconceitos e injustiças presentes nas imagens hegemônicas veiculadas sobre as periferias e suas juventudes.



Recorte de mapa afetivo produzido por alunos de escola rural de Palmeirante, Tocantins. Neste caso, a intenção era mapear as árvores frutíferas do local.

>> Me veja em você



PRECISAMOS
FALAR SOBRE

CRIMINALI- ZAÇÃO DA POPULAÇÃO INFANTO-JU- VENIL DAS PERIFERIAS

“Eu pareço suspeito?”. Essa frase representa um movimento por direitos que nasceu em 2012, em reação ao assassinato de um jovem negro que simplesmente andava por uma rua escura e vestia um casaco de moletom com capuz. O segurança que o matou alegou que o rapaz “parecia suspeito”.

Mais recente é o caso de Pedro Henrique Gonzaga, que morreu após ser asfxiado pelo segurança de um supermercado da rede Extra. O segurança afirmou que reagiu daquela forma, pois pensou que o jovem estava tentando roubar sua arma.

A cor da pele, a classe social e a idade não podem representar uma sentença de morte.

Apesar de vivermos num Estado nomeado como democrático, diariamente assistimos a decisões e comportamentos autoritários, esse posicionamento se agrava quando observamos as medidas tomadas na segurança pública. Ações autoritárias são constantemente justificadas com base na existência de um *inimigo público*.

A imagem desse inimigo, que é projetada por governos e por instituições autoritárias sobre a população, se apoia no racismo das nossas sociedades. E essa situação se torna *muleta* para determinados governos lançarem mão de ações extremas e segregadoras e assegurarem sua permanência no poder sem que precisem se justificar e manter uma postura transparente. Os grandes veículos midiáticos, da mesma forma, disseminam notícias e imagens que reproduzem essa ideia – porque, do ponto de vista mercadológico, é vantajoso veicular conteúdos sensacionalistas e que servem para reforçar os privilégios e as exclusões que configuram a desigualdade social.

Precisamos combater essa imagem de um *inimigo público*. É necessário combater a **criminalização dos jovens, negros e moradores de periferia**. Precisamos adotar e dar visibilidade a outras narrativas sobre esses jovens, mais honestas, justas e empáticas com suas realidades, que valorizem suas lutas diárias e tudo que eles estão construindo em seus territórios.

A seguir, citamos algumas obras e projetos engajados na produção de contranarrativas sobre jovens negros e periféricos.



A escritora e cordelista Jarid Arraes lançou em 2017 o **Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis**. A obra é uma importante coletânea sobre as vidas e os feitos de quinze mulheres negras importantíssimas para a história do Brasil, porém invisibilizadas.

///

Criado em 2014, no Complexo do Alemão, a **GatoMÍDIA** é um espaço de aprendizado em mídia e tecnologia para jovens negros e moradores de espaços populares. A partir de diversas ofertas formativas da favela para a favela, a equipe trabalha para a construção de um mundo mais justo, igualitário e afetivo através da viabilização de diferentes narrativas, da promoção de visibilidade e novas oportunidades. <gatomidia.com>.





A **Agência de Notícias das Favelas (ANF)** foi criada para atender à demanda da imprensa e da sociedade por informações fidedignas sobre as realidades nas favelas do Rio de Janeiro. Fundada pelo jornalista André Fernandes, em janeiro de 2001, foi logo reconhecida pela Reuters como a primeira agência de notícias de favelas do mundo. Em 2005, a ANF foi instituída ONG para levar adiante a luta pela democratização da informação da favela para o mundo, tendo como protagonistas seus próprios moradores <www.anf.org.br>.

///

O **Muquifu – Museus dos Quilombos e Favelas Urbanos** –, situado no Morro do Papagaio, em Belo Horizonte, tem como vocação garantir o reconhecimento e a salvaguarda das favelas, os verdadeiros



quilombos urbanos do Brasil: lugares não apenas de sofrimento e de privações, mas, também, de memória coletiva digna de ser cuidada. A instituição reúne como acervo fotografias, objetos, imagens de festas, danças, celebrações, tradições e histórias que representam a tradição e a vida cultural dos moradores das diversas

favelas e quilombos urbanos do Estado de Minas Gerais, além de abrigar exposições produzidas por jovens artistas desses territórios. <www.muquifu.com.br>.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE E DESENVOLVIMENTO

Para trabalhar o tema, sugerimos a montagem de um **mural colaborativo**. Uma vez por semana, esse mural deve ser abastecido por um membro diferente da equipe, com notícias positivas que tragam uma abordagem diferente sobre adolescentes e jovens brasileiros negros e moradores de periferia. Valem recortes de jornais e revistas, notícias da internet, de redes sociais, ou ainda *links* para vídeos.

A ação pode ultrapassar os limites do mural e incluir a disponibilização de livros, filmes, *playlists*, *podcasts*, HQs e *fanzines* para circularem entre a equipe. É importante que esse mural e esses materiais estejam dispostos em espaços de socialização, como a recepção ou a sala do café.

>> Me veja direito





PRECISAMOS
FALAR SOBRE

NATURALI- ZAÇÃO DA VIOLÊNCIA

A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no Brasil. A morte violenta foi o destino de 350 mil jovens brasileiros na última década – sendo 72% deles negros.¹

Essa tragédia parece não importar. Segundo pesquisa do governo federal, para 56% da população, a morte violenta de um jovem negro choca menos do que a de um jovem branco. Não podemos aceitar essa comoção seletiva.²

-
- 1 WAISELFSZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2016**: homicídios por armas de fogo no Brasil. Rio de Janeiro: FLACSO, 2016.
 - 2 DATASENADO. **Violência contra a juventude negra no Brasil**: pesquisa de opinião pública nacional. Brasília: Senado Federal, nov. 2012.

Precisamos falar da **naturalização da violência**, enfrentar juntos essa violação dos direitos e valorizar a vida dos adolescentes e jovens pobres, negros e periféricos. É preciso olhar direito para esses adolescentes e jovens, olhar de perto, e reconhecê-los como sujeitos de direitos, protagonistas de suas histórias.

Essas juventudes, de modo geral, são apresentadas em narrativas puramente estatísticas, o que promove distanciamento em vez de identificação. E, sem a identificação, não se desenvolve **empatia**. O recorte que foca a vulnerabilidade e não considera os potenciais desses sujeitos, caso lhes sejam oferecidas oportunidades concretas, nem seu contexto de vida, forma um retrato de *subcidadãos*: como se eles não tivessem tido a mesma necessidade de brincar que outras crianças, ou de estudar (se não foram à escola é porque “preferiram uma vida de crimes”), ou de ter uma família e vínculos afetivos em geral.

Humanizar a imagem de adolescentes e jovens negros e periféricos e tentar trazê-la para mais perto de nós é um meio de apurar o olhar e desnaturalizar as violências sofridas por eles diariamente e reconhecê-los como sujeitos de direitos. Boa parte dos profissionais que atuam no sistema socioeducativo, de garantia de direitos e na educação têm histórias próximas ou similares àsquelas vividas pelos atendidos, mas nem sempre há um movimento de identificação entre esses sujeitos. Nesse sentido, propomos como atividade a construção de **linhas do tempo**,³ como forma de refletir sobre as similaridades entre vivências dos atendidos e dos agentes.

p. 4. Disponível em: <<https://goo.gl/uEAYwQ>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

3 MUSEU da Pessoa. **História falada**: memória, rede e mudança social. São Paulo: SESC SP, 2006.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Os participantes podem se dividir em duplas ou trios. Cada grupo deve selecionar um integrante que se sinta mais confortável ou provocado a compartilhar sua história de vida. É importante que essa atividade seja preparada com antecedência, de maneira que a pessoa selecionada possa levar fotos, cartas, ilustrações, documentos ou outros objetos que ajudem a contar sua história, do nascimento até o momento da atividade.

ESTRUTURA NECESSÁRIA

- Uma folha de papel Kraft, sulfite ou similar para um mural.
- Canetões, canetinhas, pincéis e tinta.
- Tesoura e cola.
- Recortes de papéis coloridos ou *post-its*.
- Roteiro de entrevista.

DESENVOLVIMENTO

A linha do tempo será construída a partir da entrevista com o participante selecionado. É importante que ele sempre responda às perguntas detalhadamente e, nesse ritmo, o restante do grupo vá desenhando a linha e registrando as memórias com palavras-chave, frases de destaque e com as imagens dos objetos levados. As perguntas do roteiro serão divididas em quatro etapas, descritas a seguir.

LINHA DO MEU TEMPO

IDENTIFICAÇÃO

1. Como é seu nome completo? Qual é a data e qual é o local de seu nascimento?
2. Qual o nome de seu pai e de sua mãe? Você foi criado(a) por eles?
3. Você tem irmãos? Quantos? Conviveu com todos eles?
4. Com o que você trabalha atualmente?

INFÂNCIA

1. Você se lembra de como era a primeira casa em que morou? O que você mais gostava e o que menos gostava?
2. Como era a vizinhança onde passou a infância?
3. Você brincava muito com outras crianças? Quais eram as brincadeiras? Como eram os locais em que você brincava?
4. Quando você começou a frequentar a escola? Como era a escola em que estudou na infância? Do que você mais gostava e do que menos gostava?
5. As pessoas te perguntavam o que você queria ser quando crescesse? Você se lembra do que queria ser?
6. Qual a lembrança mais marcante dessa fase da vida?
7. Você se lembra, mais ou menos, até que idade brincou e por que foi deixando de brincar?

ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE

1. Você se lembra de quando percebeu que já não era uma criança? O que pode ter te levado a entender isso? Como foi esse processo?
2. Você estudou durante a adolescência? Como era a escola que você frequentou nesse período? Do que mais gostava e do que menos gostava?
3. Onde você morou nesse momento da vida? Como era o lugar onde você morava (casa, rua, bairro, vizinhança)? Como você se relacionava com esse território?
4. Você tinha projetos de vida? Quais eram?
5. Você era incentivado por outras pessoas a realizar esses projetos?
6. Qual a lembrança mais marcante dessa fase da vida?
7. Como as pessoas do mesmo território e classe social que você te viam? Como pessoas de outros territórios e classes sociais te viam? Como você se via?
8. Qual foi seu primeiro emprego? O que você aprendeu com ele?

E HOJE

1. Você se lembra de quando percebeu que tinha se tornado um adulto? O que pode ter te levado a entender isso? Como foi esse processo?
2. Como é o lugar onde você vive hoje? Como você se relaciona com esse território (com sua casa, rua, bairro e vizinhança)?
3. Como você se relaciona com o trabalho? Você trabalha hoje com algo que sonhou em fazer anteriormente?
4. Quais desafios você enfrentou para chegar até aqui? Gostaria que algumas coisas tivessem sido diferentes? Quais?
5. Como te veem as pessoas do mesmo território e classe social que você? Como te veem pessoas de outros territórios e classes sociais? Como você se vê?
6. Quais sonhos de infância e projetos da adolescência/juventude você conseguiu realizar? Você ainda espera realizar algum? E desistiu de algum? Por quê?
7. Quais sonhos e projetos você tem hoje?

Depois de prontas, essas linhas do tempo devem ser socializadas entre todos os participantes da atividade, quando todos passam juntos à finalização do roteiro. Essa fase traz perguntas disparadoras para uma reflexão sobre as linhas do tempo e semelhanças com as histórias dos adolescentes atendidos.

FINALIZAÇÃO

1. Olhando para a linha do tempo criada e levando em conta as histórias de adolescentes e jovens com os quais você trabalha no sistema de garantia de direitos ou no socioeducativo, quais pontos há em comum entre suas trajetórias? Em quais pontos elas diferem?
2. Você percebe oportunidades e desafios diversos entre sua trajetória e a trajetória desses adolescentes? Quais oportunidades? Quais desafios?
3. Esses adolescentes e jovens com os quais você trabalha já foram incentivados a desenvolver projetos de vida? E a refletir sobre os desafios próprios de suas realidades? Como isso afeta as linhas do tempo das vidas deles?

>>> Cara(o) agente, esta é apenas uma sugestão de roteiro. Tanto as perguntas quanto as etapas podem ser alteradas de acordo com ideias dos participantes. No entanto, é importante que as questões sejam organizadas em etapas de forma coerente e que as respostas contenham informações suficientes para elaboração de uma linha do tempo.

COMPOSTO em caracteres
Bellaboo e Myriad Pro e
impresso em março de 2019,
pela Formato Artes Gráficas,
sobre papel *off-set*.

MULTIPLICOU? CONTA E MOSTRA PRA GENTE COMO FOI!

Se você realizou uma atividade interessante de multiplicação da campanha **#faladireito** ou criou alguma nova atividade e quer compartilhar, mande o seu recado pro Desembola na Ideia!



desembolanaideia.aic.org.br



fb.me/desembolanaideia



[@desembolanaideia](https://www.instagram.com/desembolanaideia)

CONCEPÇÃO E ELABORAÇÃO DE TEXTOS

Rafaela Lima

Eveline Xavier

Priscila Justina

Jessica Caldeira

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Priscila Justina

CRIAÇÃO DE IMAGENS PARA AS ILUSTRAÇÕES

Adolescentes ligados ao Sistema Socioeducativo, em oficinas realizadas pela equipe do projeto Desembola na Ideia

REALIZAÇÃO DA CAMPANHA

Equipe do projeto Desembola na Ideia

OLHAR!

SEU

SARM

OLHAR!

SE



Baixe o leitor de QR code no
GooglePlay ou AppStore para
acessar outros conteúdos
da campanha, ou visite
desembolanaideia.aic.org.br

#faladireito é uma campanha de comunicação produzida por adolescentes e pela equipe do Desembola na Ideia, projeto realizado pela Associação Imagem Comunitária com recursos destinados pela 20ª Vara do Trabalho de Belo Horizonte, no bojo de ação civil pública proposta pelo MPT, e apoio da 23ª Promotoria de Justiça de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente de Belo Horizonte – Área Infracional –, assim como do PlugMinas – Centro de Formação e Experimentação Digital da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais.